

Entrevista – Marialva Barbosa

“O papel do professor de Jornalismo é ensinar o aluno a produzir reflexões de peso”

por ANA PAULA MACHADO VELHO e
CIBELE ABDO RODELLA

Revista Brasileira de Ensino de Jornalismo



A vice-presidente da Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação (INTERCOM), Marialva Barbosa, ministrou a aula magna do curso de Comunicação e Mídias da Universidade Estadual de Maringá (UEM). Entre os desafios da comunicação na contemporaneidade, a pesquisadora destacou aspectos que passam pela revisão do papel do profissional e do professor de Jornalismo. Essas considerações foram registradas nesta entrevista.

REBEJ: Durante os séculos 19 e 20, novos formatos e processos, absolutamente novos para o jornalismo, foram gestados, como a reportagem, o lead, o jornalismo informativo. A tecnologia também impactou o fazer jornalístico como o rádio, a televisão, a Internet e, recentemente, a TV Digital e o Rádio Digital. Como a senhora narraria a história do Jornalismo no século 21?

MARIALVA: Não sou capaz de prever o futuro, mas eu acho que o século 21 certamente vai trazer modificações ainda mais estonteantes do que o século 20. Porque, a rigor, a grande mutação do Jornalismo ocorreu no século 19, ou melhor, do 19 para o 20. Quando você tem a possibilidade de transformar em imagens aquilo que era apenas dito. Da imagem, pelo traço inicialmente, depois a imagem fixa pela fotografia, depois a imagem em movimento pelo cinema. Essa foi a grande transformação do século 19. O que o século 20 faz é exponenciar uma série de transformações que estavam sendo gestadas desde o século anterior. E eu acho que o século 21 vai trazer novas formas de comunicação que não existiam nem no século 19 e nem no século 20. Esta será certamente, se eu pudesse prever o futuro, a grande transformação nos meios de comunicação no século 21, por outras plataformas, por outros processos, por outras capacidades humanas de comunicar.

REBEJ: A senhora poderia se aventurar em citar alguma experiência que conhecemos hoje que irá se aprimorar nos próximos anos?

MARIALVA: A possibilidade de pessoas comuns de produzirem as suas interpretações e seus modos de comunicação. Por exemplo, alguém manda pelo celular – ‘a boate está pegando fogo’, como aconteceu na boate Kiss, no Rio Grande do Sul, quando a boate estava ardendo em chamas, isso é muito mais jornalístico. É maior do que qualquer furo [de reportagem] que a gente já conheceu. Porque, no instante mesmo do sentimento de você ser parte, personagem do fato, você está comunicando como narrador daquele fato. Essa possibilidade não existia no passado. Então, esta narrativa do cotidiano feita por quem vivencia o cotidiano é uma inovação e tanto. É o que a televisão (TV Globo) está explorando, com o ‘Parceiro do RJ’, que são os personagens da comunidade trabalhando pelo jornalismo cotidiano. São meninos e meninas produzindo notícia, ou seja, noticiando sua experiência. Acho que é a grande transformação: a possibilidade de narrar a sua experiência e transformar a sua experiência em notícia.

REBEJ: Seguindo seu raciocínio podemos afirmar que os jornalistas devem se preparar para outras formas de relacionamento com suas fontes e também com novos critérios de noticiabilidade?

| 135

MARIALVA: Isso. Não interessa mais nem o fato atual nem o furo de reportagem, e seu eu produzo no cotidiano mesmo a informação, eu público, o jornalista não terá mais este papel. Qual o papel do jornalista? É aprofundar a informação, interpretar, analisar e não buscar a informação, porque ela está sendo buscada cotidianamente por cada um de nós. Ele irá fazer uma espécie de síntese do que ele considera como fator transformador para a sociedade, e aí, em cima desta síntese, ele vai aprofundar, analisar.

REBEJ: Em sua opinião esta síntese não passa pelos conceitos do texto do século 20, como o de hierarquização da informação?

MARIALVA: Não, não passa, porque hoje em dia o que é mais importante? Hoje, é sempre a opinião do outro, é a minha opinião é o que eu acho, o que afirmo, o que interpreto. Então, a notícia que revelava, por exemplo, ‘a boate tal pegou fogo esta madrugada’, já foi mandada por quem estava dentro da boate. Repara, cabe ao jornalista não mais informar isso, mas todas as coisas que aconteceram em decorrência disso, o que significa em termos de trauma, qual a análise que você pode fazer destes lugares da juventude... Tem uma série de análises que você pode fazer decorrentes do cotidiano em função

Entrevista – Marialva Barbosa

“O papel do professor de Jornalismo é ensinar o aluno a produzir reflexões de peso”

de um fato. E essa análise será feita pelo jornalista certamente. Se tiver capacidade crítica reflexiva e conhecimento.

REBEJ: Quanto às redes sociais, a senhora acredita numa transformação ainda mais profunda nesta relação de compartilhamento, de construção de uma inteligência coletiva. De que forma estes processos irão influenciar o jornalismo?

MARIALVA: As redes sociais são formas de compartilhar lugares no mundo. E ali você se coloca como pertencendo àquelas múltiplas comunidades, troca informação etc., etc., sentimentos... As redes sociais juntam um pouco do que seriam nossos cadernos de pensamentos no passado com os encontros nas praças do interior, do passado, um *mix* de tudo isso, destas formas cotidianas de se relacionar. As pessoas não buscam informações nas redes sociais, as redes têm outro papel, tem o de viabilizar o que você está fazendo, dar notoriedade aos personagens que você mesmo constrói, partilhar determinados conhecimentos, mas você não busca informação. Acho que as redes sociais são locais dos indivíduos sem institucionalização, como numa empresa etc. Eu não vejo como o jornalismo possa estar nas redes sociais, é do homem comum. É o lugar do homem comum. Essa é a distinção interessante.

136 |

REBEJ: Neste cenário, de fim da exigência do diploma, o advento do jornalismo colaborativo, das tecnologias, qual o papel das escolas de jornalismo, qual o papel do professor?

MARIALVA: O jornalismo é extremamente importante, o jornalismo talvez seja a atividade mais importante do século 21. Não vai morrer, vai se exponencializar a importância, o papel, as rotinas, as maneiras como você vai divulgar, os formatos, tudo. O papel, na minha opinião, do professor de Jornalismo, será não ensinar meramente a técnica, pois a técnica está em tamanha transformação que ele nem sabe bem qual é. Então, acho que o papel do professor é ensinar a este aluno como ser capaz de fazer estas análises críticas aprofundadas, oferecer um conhecimento suficiente a ele para que possa produzir reflexões críticas de peso. Vou dar um exemplo, dei aula um tempo de Jornalismo Cultura. Nele tinha um módulo que eu brincava com os alunos dizendo que “era um módulo para aplacar a ignorância de vocês”. Então eu dava um enorme módulo sobre o teatro brasileiro e levava diretores de teatro, teóricos de teatro para falar com eles, por exemplo, sobre a invenção do modernismo no teatro brasileiro. Eles não sabiam que no teatro brasileiro não havia a figura do diretor até Ziembinski, por exemplo. Não sabiam uma série de questões teóricas. Como um jornalista irá produzir uma matéria sobre teatro se não tem conhecimento do teatro enquanto lugar teórico e reflexivo? Este é um exemplo de como nós, professores, podemos produzir um conhecimento diferenciado. E não somos só nós que temos o conhecimento, compete a nós

levarmos estas pessoas para terem esta troca com os jovens estudantes. Ou seja, o conhecimento e a reflexão continuam sendo o diferencial em qualquer ensino.

REBEJ: Sobre a Intercom, que nasce nos anos 1970 com o desafio de sinalizar para o Brasil e o mundo que existiam estudos de Comunicação no Brasil. Nos anos 1980 e 1990, teve o papel de divulgar a produção científica da área. Qual o papel da Intercom daqui para frente?

MARIALVA: O principal papel da Intercom é levar os estudos, a crítica e tornar visível as pesquisas e as práticas de Comunicação do interior para o Brasil como um todo. É muito simples fazer isso nos grandes centros, mas é muito difícil e poucas sociedades científicas têm a possibilidade de fazer isso no interior. Por exemplo, agora estamos levando o congresso nacional para Manaus, todo mundo diz: “ah, é difícil fazer, é caro, é longe”, mas quando as pessoas de Manaus vão ter a possibilidade de ter contato com os maiores nomes da Comunicação se não for a Intercom a fazer isso? Então, qual é o papel da Intercom? São dois. Em princípio, parecem antagônicos, mas não são. O primeiro é interiorizar e tornar visível a produção de Comunicação, as pesquisas, as práticas os projetos do interior do país. E, o segundo papel, internacionalizá-las. Os pesquisadores brasileiros têm pouco diálogo com seus pares estrangeiros que não querem nos ouvir, sobretudo os norte-americanos, europeus etc. Nós precisamos dizer ao mundo que as pesquisas brasileiras são pesquisas de ponta na área da Comunicação. Que nós temos os maiores pesquisadores nessa área, e precisamos levar, portanto, as pesquisas dos pesquisadores brasileiros para fora das fronteiras do Brasil. 